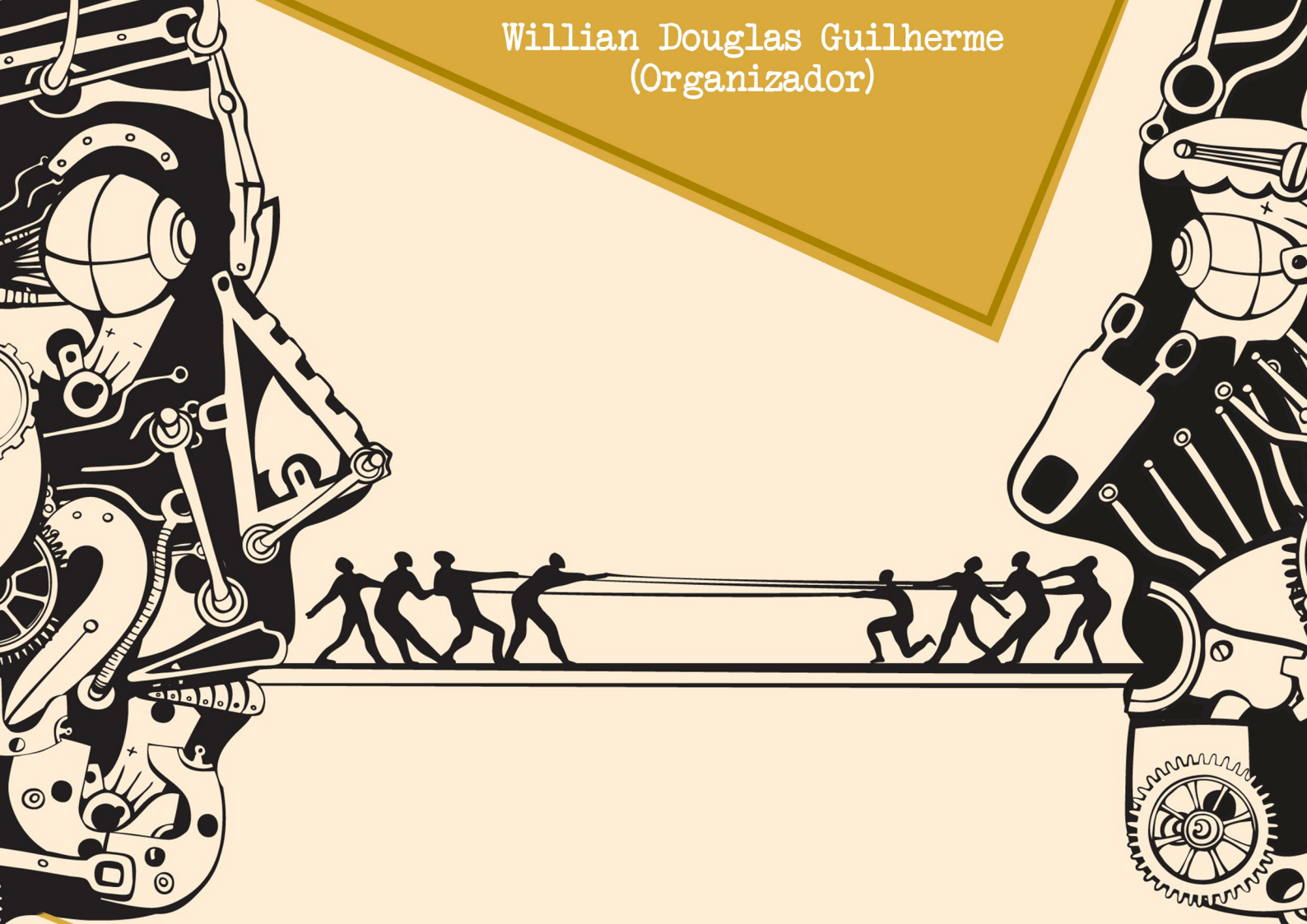


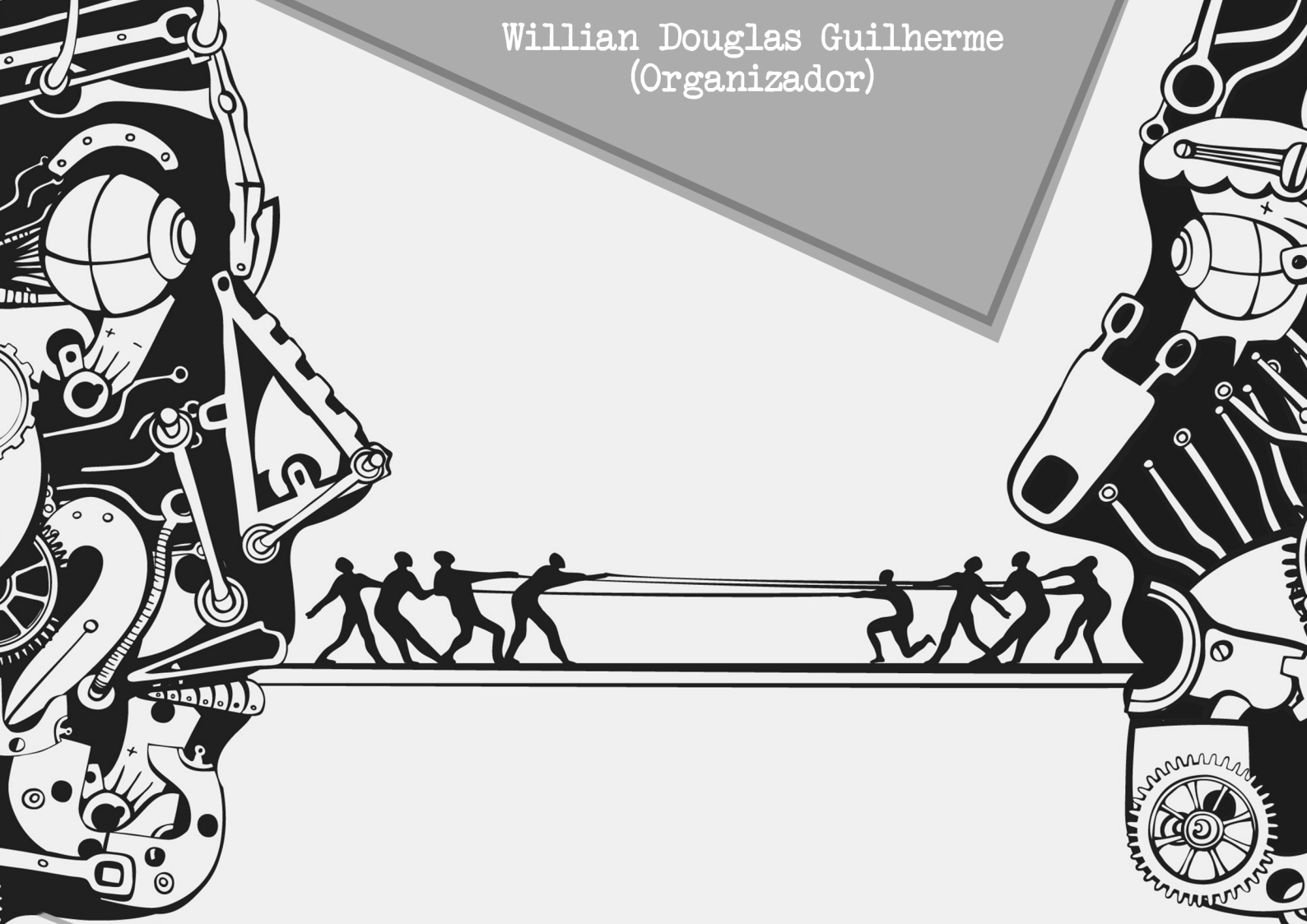
Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Filosofia: Aprender e Ensinar

Atena
Editora
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Filosofia: Aprender e Ensinar

Atena
Editora
Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F488	Filosofia [recurso eletrônico] : aprender e ensinar / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-683-6 DOI 10.22533/at.ed.836190710 1. Filosofia. 2. Fenomenologia. 3. Indústria cultural. I. Guilherme, Willian Douglas. CDD 142.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Filosofia: Aprender e Ensinar” reúne 13 artigos de pesquisadores de diversos estados brasileiros. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da filosofia aplicada a educação.

Deste modo, a obra traz um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade na filosofia, ensino de filosofia, filosofia e a educação infantil, práticas inclusivas, fenomenologia e indústria cultural.

Vale a penas visitar o índice e percorrer os 13 artigos que nos convidam a um debate crítico e saudável na prática da filosofia e/em/na educação.

Entregamos ao leitor a obra “Filosofia: Aprender e Ensinar” na intenção de divulgar o conhecimento científico e cooperar, por meio do conhecimento e prática filosófica, com a construção de uma educação cada vez melhor.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DISPOSITIVO DO APRISIONAMENTO E O DISPOSITIVO DA INFÂNCIA	
Danyelen Pereira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.8361907101	
CAPÍTULO 2	11
A INTERDISCIPLINARIDADE NA FILOSOFIA: COMO TRABALHAR A CIÊNCIA DA ASTRONOMIA COM A FILOSOFIA PARA AUXILIAR NA REFLEXÃO SOBRE O EU	
Carlos Alexandre do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.8361907102	
CAPÍTULO 3	22
O ENSINO DE FILOSOFIA E O DES-COBRIMENTO DO OUTRO	
Gregory Rial	
DOI 10.22533/at.ed.8361907103	
CAPÍTULO 4	34
FILOSOFIA COM CRIANÇAS? AS ERRÂNCIAS DE UMA DISCIPLINA EXPERIÊNCIA	
Ana Paula da Rocha Silvares	
Edeny Gomes Furini	
Jair Miranda de Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.8361907104	
CAPÍTULO 5	47
“FILOSOFIA COM CRIANÇAS”: POTENCIALIZANDO CURRÍCULOS E COTIDIANOS NAS ESCOLAS	
Cristiane Fatima Silveira	
Giovana Scareli	
DOI 10.22533/at.ed.8361907105	
CAPÍTULO 6	63
COM AS CRIANÇAS, O DELÍRIO DO VERBO: TECENDO DIÁLOGOS E POESIAS	
Ana Isabel Ferreira Magalhães	
Cristiana Callai de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8361907106	
CAPÍTULO 7	77
(DES)VELANDO E (RE)SIGNIFICANDO DE SENTIDOS PARA UMA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA ATRAVÉS DA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR	
Ana Karyne Loureiro Furley	
Hiran Pinel	
Vera Lúcia de Oliveira	
Vitor Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.8361907107	
CAPÍTULO 8	88
ATELIÊ DE ESCRILEITURAS CONATUS	
Josimara Wikboldt Schwantz	
Carla Gonçalves Rodrigues	
Ana Paula Freitas Margarites	

DOI 10.22533/at.ed.8361907108

CAPÍTULO 9	97
FAVELA E ONG – PRÁTICAS PARA ALÉM DO MEDO E DA ESPERANÇA	
Renata Tavares da Silva Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.8361907109	
CAPÍTULO 10	110
A SUBJETIVIDADE COMANDADA E A JUSTIÇA INSTITUÍDA	
Márcia Bárbara Portella Belian	
DOI 10.22533/at.ed.83619071010	
CAPÍTULO 11	122
DEUS, JUSTIÇA E A LINGUAGEM DO AMOR ÉTICO EM EMMANUEL LÉVINAS E HERCULANO PIRES	
Rogério Luís da Rocha Seixas	
Edson Santos Pio Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.83619071011	
CAPÍTULO 12	132
FENOMENOLOGIA DO ROSTO EM EMMANUEL LEVINAS	
Abimael Francisco do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.83619071012	
CAPÍTULO 13	143
NOTAS PARA PENSAR A INDÚSTRIA CULTURAL NA ERA DIGITAL	
Deborah Christina Antunes	
DOI 10.22533/at.ed.83619071013	
SOBRE O ORGANIZADOR	154
ÍNDICE REMISSIVO	155

FAVELA E ONG – PRÁTICAS PARA ALÉM DO MEDO E DA ESPERANÇA

Renata Tavares da Silva Guimarães

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Programa de Pós-graduação em Psicologia
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro

RESUMO: Este texto tem como objetivo problematizar a inserção das ONGs em favelas do Rio de Janeiro através dos discursos do medo e da esperança. A produção do discurso do medo é entendida como produção de impotência, associada a sua “contra-face”, a esperança. Para tanto buscamos escapar das análises binárias que circunscrevem as práticas de ONGs em lugares cristalizados, de boas ou de más práticas. Para isso, buscamos fazer uma análise crítica genealógica de suas práticas, a partir de experiências concretas, com o propósito de fazer vazar outros modos de operar. Nas práticas cotidianas desta atuação, questionamos o modo de atuar, a partir dos discursos/práticas do medo e da esperança, que provocam a manutenção neoliberal da “pobreza” como lócus de assujeitamento, tanto para as comunidades quanto para o lugar determinado para a atuação das ONGs. O link que é feito nessas práticas entre comunidade, pobreza e assujeitamento é analisado com auxílio de ferramentas teóricas advindas de Michel Foucault, Deleuze, Espinoza, Nietzsche, dentre outros, que nos possibilitam questionar:

que movimentos de vida estamos produzindo? Contra as práticas homogeneizantes e controladoras, apostamos em uma ética enquanto Ethos, ação, movimento, e não uma representação de valores pré-estabelecidos. Assim, apostamos que nosso modo de intervir, ver e estar no campo, deve ser analisado e questionado cotidianamente quanto a seus efeitos, indagando seus agenciamentos nos modos de subjetivação contemporâneos e pensando como direção metodológica uma conduta ética criada no caminhar e nos encontros produzidos no cotidiano de trabalho com os sujeitos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: Medo; Esperança; Subjetividade; Favela; ONG

SLUM AND NGO - PRACTICES BEYOND FEAR AND HOPE

ABSTRACT: This text aims to problematize the insertion of NGOs in slums of Rio de Janeiro through the discourses of fear and hope. The production of the discourse of fear is understood as the production of impotence, associated with its “counter-face”, the hope. Therefore we seek to escape from the binary analyzes that circumscribe the practices of NGOs in crystallized places of good or bad practices. For that, we seek to make a genealogical critical analysis of its practices, based on concrete experiences,

with the purpose of making other modes of operation leak. In the day-to-day practices of this activity, we question the way of acting, from the discourses/practices of fear and hope that provoke the neoliberal maintenance of “poverty” as a locus of subjection, both for the communities and for the place determined for the activities of NGOs. The link that is made in these practices between community, poverty and subjection is analyzed with the help of theoretical tools coming from Michel Foucault, Deleuze, Espinoza, Nietzsche, among others, that allow us to question: what movements of life are we producing? Against the homogenizing and controlling practices we bet on an ethics as Ethos, action, movement, and not a representation of pre-established values. Thus, we bet that our way of intervening, seeing and being in the field must be analyzed and questioned daily about its effects, inquiring its agency in the contemporary modes of subjectivation and thinking as methodological direction an ethical conduct created in the walk and encounters produced in the work with the subjects involved.

KEYWORDS: Fear; Hope; Subjectivity; Slum; NGOs

1 | INTRODUÇÃO

Este texto é fruto de uma trajetória que se inicia no Salgueiro, passa por Bangu, Água Mineral, Santa Marta, Rocinha, entre outras favelas do Rio de Janeiro. Os caminhos produziram estranhamentos e questionamentos sobre a forma pela qual esses lugares são contemporaneamente caracterizados: pela pobreza e pela violência. O processo de produção dessas identidades é forjado por lógicas locais e globais. Nessas lógicas se inserem as organizações não governamentais (ONGs), que vêm interagindo nesses territórios, desde meados do século XX. Essa trajetória em favelas, através da atuação em ONGs será problematizada neste estudo, que é inspirado na dissertação defendida no Mestrado em Psicologia Social, da Universidade Federal Fluminense.

As favelas se diferem por inúmeros fatores, no entanto têm sido marcadas e identificadas pela violência e precariedade de recursos, cujo cenário exposto para o mundo se resume na composição de esgoto a céu aberto, casas mal acabadas e presença do tráfico de drogas ou milícias. O que levou a construção deste cenário/território, atrelado ao discurso da periculosidade? É importante questionar a forte aliança entre pobreza e violência, produzida e fortalecida pelos discursos da mídia, assim como nos encontros cotidianos da população nas ruas, lares e comércios locais.

Consideramos que a esperança por salvação, tanto por parte do Estado ou de ONGs, remete a uma lógica que, inspirados em Nietzsche (1998), denominaremos: medo-esperança. Veremos mais à frente que este filósofo descreverá a lógica de uma moral escrava, em que a esperança de realizações e ações concretas é apoiada em um outro, um ser “salvador”. Para este autor, o ideário de salvação é combinado com sentimentos de culpa, ressentimento e medo, paixões triste que decompõem o

corpo, deixando-o impotente e passível à dominação. Qual seria o lugar das ONGs neste contexto de impotência e medo? Trazer esperança?

2 | ONG, ESPERANÇA PARA A FAVELA, OU A FAVELA, ESPERANÇA PARA ONGS?

Na primeira experiência trabalhando com psicologia e pesquisa em uma ONG, recebemos a incumbência de coordenar uma nova frente de trabalho em uma pequena região de São Gonçalo (RJ), chamada Água Mineral (AM). Esta comunidade seria a terceira área de atuação de um projeto social, realizado por duas ONGs parceiras, através de metodologias da pesquisa-ação. Este projeto foi desenvolvido com o objetivo principal de fortalecer as bases de apoio familiares e comunitárias para crianças e adolescentes.

Para facilitar a entrada dos pesquisadores em Água Mineral e auxiliar na tarefa de mapeamento das iniciativas locais, firmamos parceria com uma importante líder comunitária. Os encontros eram atravessados por nossas diferentes inserções. Ou seja, esta parceria permitia conversar com esta pessoa de Água Mineral, incluindo seus lugares como antiga moradora do lugar, avó de cinco netos em fase escolar, bem como a ação de uma pesquisadora recém-formada de uma faculdade pública e moradora deste mesmo município.

A líder comunitária em questão exercia um cargo de liderança na Associação de Moradores, há quase doze anos. Ao andar pelas ruas, ela nos contava histórias com riqueza de detalhes, permitindo-nos visualizar, não somente a configuração geográfica do local, mas sua configuração política e um pouco da rotina das famílias que ali habitavam. Ao relacionar a realidade de Água Mineral às propostas do projeto, seu ponto de vista assim se expressava: *“isso [referindo-se à proposta do projeto] aqui não vai dar certo, porque aqui ninguém se interessa por nada. São todos desanimados... esse lugar não vai pra frente. As pessoas têm medo de se comprometer, pois sabem que é tempo perdido.”*

Este discurso nos remeteu, imediatamente, às falas de diversos atores comunitários e da academia, no que se refere à generalização do papel das ONGs, assim como às falas de políticos e/ou pesquisadores, que, temporariamente, ocupam lugares de liderança, anunciando promessas que, muitas vezes, não são cumpridas. Diversas vezes, ouvimos das pessoas, com as quais trabalhamos depoimentos sobre ONGs que não apresentam resultados efetivos nos lugares por onde passam; pesquisadores que usam o local para entrevistas e depois vão embora *“somem com tudo e nunca mais voltam, nem pra dizer um oi”* (líder comunitário, SG, 2004) e também sobre políticos, que, próximo à eleição, visitam ruas e praças, prometem melhorias, mas que logo somem, ao fim do processo eleitoral.

Arriscamos afirmar que outras linhas de força que fazem emergir esta “apatia”

são oriundas das poucas ações realizadas pela ONG, por não ser esse o seu papel, e pelo governo, que não correspondem à demanda da comunidade. Em relação ao governo sempre expressam a falta de respeito nos atendimentos na prefeitura, com relação às reivindicações, as alianças espúrias dos políticos com empresas de transporte público e comércios locais e lideranças que manipulam programas sociais etc.

Uma das fontes do nosso incômodo, como pesquisadores de uma ONG, com a apatia dos moradores e líderes comunitários, está relacionada à postura de ter que responder à missão de *transformação social*, uma encomenda que está presente nas lutas sociais de ONGs, especialmente na América Latina, a partir, principalmente, da década de 1980. Diante desta “encomenda”, sentimos a dificuldade de pôr em questão nossos lugares de acadêmicos, moradores de outras áreas, especialistas que não teriam e não deveriam ter resposta para tais lacunas: como habitar este paradoxal “lugar” que nos é conferido, e que também, muitas vezes, reproduzimos?

O desânimo da líder de Água Mineral dizia não somente do cansaço por seus doze anos de luta nesta comunidade, ou pelo insistente descaso do Estado, mas sinalizava, também, processos de lentidão e não conexões com outros modos de viver, o que faz reproduzir discursos marcados pelo medo. O medo conjugado com o sentimento de esperança, alicerçado na ideia de que alguém ou algo virá de algum outro lugar para mudar, fazer movimentar a precária realidade local, é aqui tomado como fator de paralisia e produto/produzidor de subjetividades assujeitadas e enfraquecidas. Como veremos mais adiante, tal produção é parte nodal do modo de funcionamento do contemporâneo, marcado pelo capitalismo neoliberal. Este funcionamento tem reforçado a distribuição/concentração desigual de renda, que produz desigualdades sociais alarmantes, fazendo coexistir alguns poucos donos de grandes impérios financeiros e imensos bolsões de miséria, desemprego em massa em todo o planeta, fome, dentre outros fatores que contribuem e naturalizam o extermínio de milhões de vidas, todos os dias.

A mídia e a opinião pública têm cotidianamente produzido e reforçado um discurso sobre a atuação das ONGs como transcendente, um sujeito transcendente, denominando-as ora como única saída para a reversão da pobreza, assumindo o papel de justiceira e salvadora; ora como empresas que só visam lucrar com a miséria; ora a ONG é a esperança da comunidade; ora a comunidade tem sido a esperança para os objetivos da ONG diante do financiador e dos parceiros comunitários.

No sentido de pôr em análise este discurso dicotômico, moral e paralisante, que guarda operações fortes de auto-conservação, buscamos problematizar as demandas do campo onde atuamos, assim como os modos nos quais, a ONG em que estamos inseridos, gesta suas ações. Esses modos vêm-se produzindo, através de nossas práticas, entendendo-as como efeitos de/em nossas intervenções e implicações.

Vivenciando os sentimentos de medo e esperança na prática cotidiana em

uma ONG, experimentamos momentos de estranhamento na postura de grupos comunitários que achavam que nunca iriam conseguir reverter problemas, como a falta de recursos para ampliar seu espaço, a dificuldade de contratar mais profissionais, comprar equipamentos, brinquedos, ou mesmo pagar alimentação (no caso das creches, por exemplo), e, no entanto, simplesmente o fato de existirem já ajudava bastante suas comunidades. Para várias iniciativas em Água Mineral, Bangu e Santa Marta, a esperança de pequenas melhorias estava associada a ações de algumas ONGS, doações diversas, mas, principalmente, convênios ou programas, geralmente, relacionados a verbas governamentais manipuladas por políticos que as usavam como moeda de troca em ano eleitoral.

Não foi somente no campo de intervenção que esses sentimentos emergiram. Eles, também, atravessaram e, ainda, atravessam o cotidiano interno da ONG. Interno, aqui, se refere aos modos de operar a própria constituição da organização, destacando as angústias - medos e esperanças – em relação aos planejamentos, avaliações, conversas de corredor, ameaças de despejo, fim de financiamentos etc.

Destacamos que um dos efeitos principais da produção do medo e da esperança é a paralisia. Experiências de uma sensação de inércia, impossibilidade de ação, de impotência, que se afirma na impossibilidade de agenciarmos nossa potência de criação em meio a um determinado acontecimento. O sentimento de paralisia que percebíamos no campo de intervenção fazia eco com outras falas, que ouvimos em diversos lugares: *“estamos assim e continuaremos assim, na merda! Não tem jeito não!”* (gestora de ONG).

Ao falar de paralisia e medo, não estamos tratando aqui de defender ou mesmo propor modos ideais de desenvolvimento ou metas para ONGs ou iniciativas comunitárias, mas sim de questionar uma lógica que diz respeito a uma vontade de melhoria no seu modo de existir e de atuar – esperança –, que produz e é produzido por uma apatia, desânimo e paralisia – pautadas no medo. A produção da dicotomia medo X esperança é por nós entendida como mecanismos de uma mesma produção de assujeitamento e pobreza. Por isso, afirmamos que são faces de uma mesma moeda: medo e esperança como integrantes de uma moral escrava, como veremos mais adiante, inspirados por Nietzsche (1998), em sua crítica radical à naturalização desses sentimentos.

3 | MEDO E ESPERANÇA: FACES DE UMA MESMA MOEDA

A temática medo/esperança tem estado presente, atualmente, de forma incisiva na mídia, principalmente nas reportagens televisivas e impressas, e tem potencializado diversas produções, em diferentes áreas. Os campos da psiquiatria e da psicologia, por exemplo, têm sido convocados recorrentemente a opinar sobre sintomas e novas síndromes, que instauram certo determinismo do medo como

causador de problemas de cunho patológico, como por exemplo, a síndrome do pânico. Nessas abordagens, o que temos visto é que a “esperança” de cura ou o alívio de sintomas se direcionam para a oferta de novas drogas oferecidas pela indústria farmacêutica e até mesmo para curas milagrosas oferecidas por um turbilhão de religiões que se proliferam em muitos lugares no mundo.

Acreditamos que o medo, como exemplo de outras emoções, é constituído em um tecido social em constante modificação. O medo é polissêmico, não possui uma definição conceitual única, nem tampouco tem uma essência universal, imutável e trans-histórica. Seu conceito varia de acordo com o lugar e os sentidos que o produzem e atravessam, adquirindo, assim, sempre uma nova configuração em cada contexto histórico-cultural no qual se situa.

Para os gregos, a origem do medo era externa ao sujeito, a origem do medo era divina – Phóbos. Os indivíduos poderiam ser tomados por esse deus na hora dos combates, por exemplo. Os guerreiros tinham que render oferendas a Phóbos para que não fossem acometidos por ele na hora do combate. Phóbos (medo) consistia, então, no temor que fazia com que todos os cidadãos se curvassem à obediência aos deuses.

Na narrativa épica (séculos XIV a XVI), se cria e se fortalece a figura do nobre herói. A figura deste cavaleiro sem medo, corajoso, contrastava com o medo inerente aos que já nasceram sem coragem, ou seja, a massa de camponeses, artesãos e servos. A incompatibilidade entre os dois mundos era, ao mesmo tempo, social e moral: de um lado, a nobreza associada à valentia e à individualidade e de outro, a plebe unificada à ideia do medo e de coletivo.

Esta configuração produziu lugares marcados, naturalizando nas práticas históricas o nobre corajoso, o ser capaz de ação e decisão, e o pobre medroso, incapaz de lutar, dependente de um senhor.

Com o advento da burguesia e a nova configuração social, passou-se a chamar de medo, não mais um sentimento próprio da plebe, mas um sentimento passível a todos os homens. A igualdade entre os homens foi um dos principais motes da nova concepção filosófico-político-burguesa, que possibilitou a elaboração da primeira Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, em 1789, que, dentre outras coisas, pregava uma liberdade individual: “todos os homens nascem livres e iguais em direitos e o poder emana do povo.”

Para Chauí (1989), neste período da história, as distinções entre o soberano e os súditos vão-se tornando fracas, diante do enaltecimento da imagem centrada na liberdade e igualdade de cada indivíduo, sujeitos por natureza às mesmas paixões e virtudes. A referência que antes estava pautada em Deus passa, na sociedade moderna, a centrar-se no homem como indivíduo configurando-se o medo como sentimento entre iguais. Nesta possibilidade de igualdade, qualquer um poderia governar, matar, enriquecer etc., e os humanos passam a temer uns aos outros.

Diferenciando-se de um discurso dialético, Espinosa (s/a) afirma que o medo

que os homens têm, como desejo natural de não serem oprimidos, está diretamente relacionado à esperança. Medo e esperança são paixões tristes, negativas. De acordo com este filósofo, considerado racionalista, as paixões tristes podem ser dissipadas pela razão, “expressão de uma alma potente e que liberta os homens do medo e da esperança que estão ligados a eles.”

No entanto, diferente de Descartes, que, em nome da razão, suprime toda e qualquer emoção, Espinosa fala das paixões positivas que acompanham a razão no processo de independência do homem em relação à servidão. Na filosofia espinosista, o sujeito é constituído a partir de “essências singulares reais”, cuja potência de agir constitui-se como *conatus* (desejo), que pode ser diminuída por forças exteriores, tornando-o passivo. Porém, quando fortalecido pelos bons encontros, sua potência de agir torna-se menos vulnerável a essas operações contrárias externas.

Quais seriam os afetos que nos tornam passivos, e quais seriam os que nos fazem ativos? Espinosa, no que se refere às paixões, prefere a noção de útil à de bem e mal, pois acredita que os afetos voltam-se para suas consequências: os afetos que são movidos por ambição dominam os que são movidos pelo medo.

Para este filósofo, o medo é e sempre será paixão triste, jamais transformar-se-á em ação de corpo e alma, porque “... o que é acção na alma é também necessariamente acção no corpo, e o que é paixão no corpo é necessariamente paixão na alma. [não há] Nenhum predomínio, portanto, de uma séria sobre a outra” (Espinosa, apud Deleuze, 1970, p. 26). Sua origem e seus efeitos fazem com que o medo não seja uma paixão isolada, mas articulada a outras, formando um sistema do medo.

Por que o medo e a esperança? Porque, segundo Espinosa (apud Chauí, 1989), de todas as nossas paixões, elas são as que mais profundamente exprimem nosso sentimento de desamparo diante do tempo e do mundo, nossa impossibilidade de controlar o curso dos acontecimentos e de dominar fatos e pessoas. Intangíveis e abstratos, esperança e medo guardam entre si uma complexa relação, na qual se interpenetram, dependem um do outro, num movimento inevitável e necessário, de atração e repulsão, que no entanto, excluem a fusão e a eliminação de um pelo outro.

Dessa maneira, Espinosa articula medo/esperança e dominação sócio-política. Os homens aceitam servir para serem servidos. E combaterão até à morte na defesa das opiniões dos dominantes, passando ao ferro e ao fogo todos os que ousarem contradizê-las em nome de um conhecimento racional verdadeiro. Eles o fazem porque as opiniões dos dominantes formam um sistema explicativo para o mundo e suas ações, livrando-os dos medos e dando-lhes esperanças de recompensas para os bons e castigos para os maus. Assim, o medo e a esperança, que se originam sob a forma de paixões, cristalizam-se em senso-comum social e em prática política.

A esperança se constitui, pois, numa das armas mais potentes para o exercício da dominação, pois o dominado a deseja e não sabe viver sem ela, porque ela se

tornou a forma de preservar um tipo de realidade no mundo. Tudo em seu devido lugar, sem grandes transformações, que podem melhorar, mas também podem piorar o que já está cruelmente configurado, como é o caso da miserabilidade humana, entendida aqui como um assujeitamento subjetivo do ser.

4 | MEDO, ESPERANÇA E PODER - ATRAVESSAMENTOS DE UMA MORAL ESCRAVA

O medo de mudar por vontade própria, a paralisia, a esperança da mudança lançada sobre um outro, mais forte e corajoso, segundo Nietzsche (1998), estarão associados a uma moral escrava. Esta foi produzida historicamente, com fortes aparatos de cunho religioso, como: culpa, ressentimento e má consciência. Esses sentimentos ocupam um lugar de destaque e ganham força na medida que se configura o este autor chamou de “rebelião escrava na moral”. Ele analisa que esta rebelião foi determinada quando o ressentimento se tornou criador de valores, operando modos de vida tão cruéis e violentos, quanto os que caracterizam a moral nobre.

Nietzsche utiliza-se da moral nobre para falar de um outro modo de operar a realidade, diferente da moral escrava, mas sem lhe atribuir nenhum julgamento, pois não se trata de morais apenas diferentes, mas dois modos de construção de valores. Contrapondo a moral escrava a uma moral nobre este autor ressalta:

Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um 'fora', um 'outro', um 'não-eu' – e este não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento (NIETZSCHE, 1998, p. 29).

Nietzsche questiona a origem atribuída pelos psicólogos da época para os conceitos de bom e mal e destaca que os primeiros filósofos relacionaram o conceito de bom ao que é útil. Eizirik e Trevisan (2006) afirmam, inspirados nesta obra de Nietzsche, que a utilidade faz esquecer que ela mesma está na raiz da constituição do bom, e a utilidade torna inesquecível - sanciona - aquilo que sempre demonstrou ser útil-conveniente. Ora, liga-se o útil ao bom como se essa relação fosse verdadeira em si, algo natural, e acrescenta-se aí um esquecimento dessa ligação, quando a mesma seria reiterada. Mas, como é possível tal esquecimento?

Originalmente - assim eles decretam - as ações não egoístas foram louvadas e consideradas boas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis; mais tarde, foi esquecida essa origem do louvor, e as ações não egoístas, pelo simples fato de terem sido costumeiramente tidas como boas, foram também sentidas como boas - como se em si, fossem algo bom (NIETZSCHE, op. cit, p. 18).

A contribuição nietzscheana vem auxiliar-nos no sentido de mostrar que as teorias que se voltam apenas para relação bom-útil ficam periféricas. A partir

do ponto de vista, “bom”, etimologicamente, passa a ser remetido ao “nobre”, “aristocrático”, marcando claramente aqueles que são “espiritualmente bem nascidos”, “espiritualmente privilegiados”. Ele não é esquecido nem reiterado, mecanização por repetição do útil-conveniente, mas sim, criado para marcar uma diferença, para marcar um privilégio. Ao analisarem essa Eizirik e Trevisan (2006) questionam: “o que essa marcação de privilégios - característica da estirpe nobre - tem a ver com a utilidade para a qual a ação é direcionada?” Vemos que Nietzsche mostra, ao longo da primeira dissertação, a ligação etimológica das palavras bom e nobre, que significam também alguém que é, que tem realidade, que é real, verdadeiro. Já as palavras mau e feio, como tímido, covarde, homem comum, pele escura, plebeu (NIETZSCHE, 1998, p.22).

Contraopondo as figuras de nobre e escravo, este autor afirma que o segundo (o escravo) toma o primeiro, o poderoso, o dominador, como mau, e isto é o que faz fundar a moral escrava. O nobre, em um outro tipo de conjugação, se vê como bom e, a partir disso, cria para si uma representação de ruim, um inimigo que é forte e corajoso, assim como ele.

A palavra “bom” é a mesma para as duas morais, mas “como são diferentes as palavras ‘mau’ e ‘ruim’” (Ibid, p. 32). Uma funda um modo de ser ressentido, enquanto que a outra é uma consequência de um ser que se acha superior por natureza. Essas lógicas distintas fundam morais (modos de conviver) diferentes: na moral nobre, temos o “bom”, de um lado, e o “ruim”, do outro; já na moral escrava, a oposição é marcada entre “bom” e “mau”. “O homem do ressentimento concebeu o ‘inimigo mau’, o ‘mau’, e isto como conceito básico, a partir do qual também elabora, como imagem equivalente, um ‘bom’ – ele mesmo!...” (NIETZSCHE, op. cit., p. 31).

A forma de criação de valores elaborada pela moral escrava retrata o mecanismo que dá luz ao ressentimento, que se configura pela vingança imaginária lenta e odiosa contra o mundo externo, agente propulsor desta moral. “O que eu não gosto acaba definindo, por exclusão, pela força do ressentimento, o que me serve, o que é o meu ‘bom’” (EIZIRIK E TREVISAN, 2006, p. 365).

Para este autor, o “bom” é escolhido em um ato, na moral nobre, numa ação, algo como um apontamento daquilo que serve dentre tudo aquilo que se oferece como possibilidade, portanto, um ato afirmativo. Questiona-se, em contraposição, o que é o “ruim”? O “ruim” seria tudo aquilo que não fez parte da afirmação anterior, aquilo que está separado por uma distância, aquilo que ficou de fora do campo de interesse, aquilo que se enxerga, que não se sabe da existência, simplesmente porque não é importante, e, por isso mesmo, é desprezado e não negado, sempre lembrando que esse “ruim” só existe pela distância com relação àquilo que é - ao que se disse Sim. Para Nietzsche o “bom”, de acordo com a moral nobre, fora criado como forma de expansão do poder, aumento dos seus domínios sobre os escravos e, mais que isso, como forma de marcar linguisticamente uma diferença entre aquilo que servia para si e aquilo que ficava fora dos seus interesses.

Formula-se, deste modo, uma espécie de compensação, ou de troca, ou contrato etc. afirmados pelo hábito de comparar, medir, calcular um poder, através de outro. Ou seja, na comunidade, como exemplo, se encontram: tranquilidade, proteção, cuidado e paz, prometidas através da relação credor e devedores - quem deve tem que pagar! Fora dos costumes comunitários nada está assegurado, o homem-de-fora é o miserável, sem paz.

O não esquecimento faz do homem um eterno credor e devedor de suas ações e pensamentos. Para Nietzsche, esquecer seria parar de digerir no presente algo já acontecido. Esta eterna ruminação do passado traz mágoa e ressentimento. Produz uma forma de se viver: ressentimento. Ressentir: ódio, fraqueza, culpa de um passado que se refaz sempre, é eterno. Para esquecer, é preciso que se “feche temporariamente as portas e janelas da consciência.”

Na moral escrava, “de nada se consegue dar conta”. O não esquecimento faz com que o ressentido crie um “não-mais-querer-livrar-se” uma forma ativa de se viver no ressentimento, na eterna vitimização, anulando possibilidades de ação/ criação/movimento. Nesses *modos de operar*, há apenas repetição, não há espaço para entrada do novo, pois este pode ameaçar a ordem, o planejamento o previsto. Pode não corresponder ao passado que insiste em ruminar no presente. Para isso, o homem deve ser domado através do pagamento de suas dívidas.

Para Nietzsche, o castigo doma o homem, mas não o torna melhor. “O castigo teria o valor de despertar no culpado o sentimento da culpa, nele se vê o verdadeiro instrumento dessa reação psíquica chamada ‘má consciência’, ‘remorso’” (NIETZSCHE, op. cit., p.70). Desta forma, o castigo acrescenta no homem o medo, a intensificação dos cuidados, o controle dos desejos. Como vimos anteriormente, o homem do ressentimento deve-se adaptar aos costumes. A noção de atividade (criatividade) lhe é retirada. Esta adaptação é consequência de um assujeitamento e culpa em relação aos antepassados:

O medo do ancestral e do seu poder, a consciência de ter dívidas para com ele, cresce necessariamente na exata medida em que cresce o poder da estirpe, na medida em que ela mesma se torna mais vitoriosa, independente, venerada e temida (Ibid, p. 77).

A história de divinização dos antepassados corresponde à história do medo. “O sentimento de culpa em relação à divindade não parou de crescer durante milênios” (Ibid, p. 79). A má consciência marcou fortemente as noções de culpa e dever com moralizações, regulares e universalizadas.

Ao nos depararmos com esses afetos de angústia, culpa e imobilidade, nos lembramos de que, estando imersos em contexto operamos uma lógica muito semelhante, talvez a mesma lógica medo-esperança, culpa-salvação. Até o presente momento, buscamos problematizar as práticas forjadas em uma ONG, que fazem reproduzir a lógica esperança/medo, através de perspectivas de salvação.

Em que medida estamos contribuindo para a produção de subjetividades

assujeitadas, quando trabalhamos esperando a nossa salvação em técnicas de gestão ou quando consideramos a comunidade como salvação para problemas de financiamento, ou ainda, quando nos apresentamos como salvação para problemas comunitários? Esta lógica opressora é coexistente a práticas que se configuram como alternativas a esta maquinação e que podem ser entendidas como resistência ao processo de assujeitamento?

Os questionamentos apontados acima abrem um leque quase infinito de possibilidades de reflexões. Não é objetivo deste estudo traçar uma análise geral sobre o funcionamento das ONGs, ou mesmo, atacar ou defender sua existência, mas pensar seus funcionamentos e neles, e com eles, indagar seus agenciamentos nos modos de subjetivação contemporâneos, pensando como direção metodológica uma conduta ética criada no caminhar e nos encontros produzidos no cotidiano.

5 | CONCLUSÕES E DESAFIOS - DESCONSTRUINDO IDENTIDADES

Não há uma ideia de um ponto de partida, tampouco de uma origem ou de um ponto de chegada de uma realidade. Por isso, procuramos analisar os modos de fazer, as práticas em “ato” no campo de intervenção. Procuramos genealogicamente e através da filosofia trazer pistas que produzem a interligação entre pobreza, medo/esperança e ONG.

O ponto singular na aposta metodológica deste estudo se encontrou na proposta de problematizar a lógica binarizante que aloca a ONG no lugar de boa ou no lugar de má. A análise genealógica das identidades binárias forjadas fora e dentro do trabalho das ONGs na atualidade, foi necessária para escapar das identidades que fazem engessar suas práticas. Desta forma, almejamos fazer transbordar outros modos de operar importantes, na medida que permitem pontuar as possibilidades de atuar de forma diferente das opções homogeneizadas, onde: ou a ONG é militante ou a ONG é empresarial, ou a ONG é boa ou a ONG é má. Para além e aquém dessas formas, não priorizamos a gênese de uma nova identidade a ser instituída, mas processos de diferenciação, que possibilitam movimentar a autoconservação de identidades, que despotencializam a criação de outras formas de viver.

Desta maneira, as práticas que reproduzem a lógica capitalista, como também outras práticas que, em determinado tempo e espaço, configuraram-se em possibilidade e potência de vida. Deste modo, procuramos fazer emergir a ONG no movimento mesmo de sua formação, tentando reconstruir a imbricação de discursos como pobreza, assujeitamento, medo e esperança, no processo, na história de seus funcionamentos. Os objetos tratados neste estudo não foram naturalmente dados, mas produzidos pelas práticas. O que é feito (objeto) explica-se pelo fazer (prática) em cada momento da história. Ambos (prática, objeto e sujeito) são efeitos de uma composição de forças que, em um determinado momento e local, expressam a formação de um modo de subjetivação.

Com esta perspectiva, o método se operou na formulação do problema, colocando o pensamento em ação, trazendo as visibilidades de uma época, incluindo o presente. O que nos interessou, aqui, foi o jogo de forças que operam a emergência de um acontecimento. No nosso caso, o acontecimento pobreza-medo-ONG-esperança.

A invenção de si como pesquisador-trabalhador-psi-ONG é uma criação incessante que é forjada na relação com as ferramentas e parcerias de trabalho. Buscamos não definir uma dessas identidades, mas o modo de intervir, ver e estar no campo, questionado cotidianamente seus efeitos. Nossa bússola neste fazer nos indica a seguinte questão: que movimentos de vida estamos produzindo ou pretendemos produzir?

Seguindo esta direção, é necessário colocar em constante análise a lógica dos *especialismos* e das técnicas, apresentada como única e possível forma para garantir o sucesso das ações criadas e implementadas pelas ONGs em favelas. Para isto, faz-se necessário compreender as forças históricas constitutivas dos processos que se materializam nos modos de entrar e relacionar-se em cada comunidade, de gerir e cogir projetos e pesquisas sociais, de sistematizar experiências.

O nosso desafio como pesquisadores não é não ter medo ou esperança, ou apostar em soluções e salvações, mas poder sustentar angústias e inquietações diárias, possibilitando afirmações de vida em resistência aos sofrimentos trazidos pela miséria, discriminação e violência, questionando suas produções, seus e nossos interesses.

Concluimos com a provocação de pensar as ONGs não apenas como significantes do medo e da esperança, mas através de suas práticas que comportam a “vida humana em sua dimensão de invenção permanente, pensando interferências na produção social da existência” (NEVES, 2002, p.1). Eis um bom desafio para as ONGs: poder criar um modo singular de operar, e/ou poder imitar e seguir práticas que produzam vida. O que não é o caso das práticas criadas no funcionamento medo-esperança.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, K. F. **Ligações perigosas e alianças insurgentes: subjetividades e movimentos urbanos**. 2003. Tese de Doutorado em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

BATISTA, V. M. **O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história**. Rio de Janeiro: Renavan, 2003

CHAUÍ, M. Direitos humanos e medo, In: FESTER, A. C. R. (org.) **Direitos Humanos e...** São Paulo: Brasiliense. 1989. P. 15-35.

_____. Sobre o Medo. In: **Os sentidos da Paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
DELEUZE, G. **Espinoza e os Signos**. Porto: Rés Editora, Ltda, 1970.

DELUMEAU, J. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

EIZIRIK, M. F.; TREVISAN, J. F. Da genealogia da moral à moral do ressentimento: a crueldade nos bons costumes. In: **Psicologia Ciência e Profissão**. vol.26, no.3. Brasília, 2006.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Traduzido e organizado por Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GUIMARÃES, R. T. **ONG: inventando outros sentidos para além e quem o dos discursos do medo e da esperança**. 2007. 162f. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

NEVES, C. E. A. B. **Interferir entre desejo e capital**. 2002. 177f. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, L. O. **As linguagens do medo: suas configurações na contemporaneidade**. 2001. 86f. Dissertação de Mestrado - Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2001

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª edição, São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, R. T. **Itaúna: lar e medo**. 2002. 61f. Monografia - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

SPINOSA. **A ética**. Tradução de Lívio Xavier. Edições de Ouro, Rio de Janeiro. s/a.

VERNANT, J. P. **As Origens do pensamento Grego**. RJ: Difel, 1986.

VEYNE, P. **Foucault revoluciona a história**. Brasília, Ed. UNB, 1978.

SOBRE O ORGANIZADOR

WILLIAN DOUGLAS GUILHERME Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alfabetização 62, 65, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 88

Alteridade 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 69, 109, 117, 119, 121, 122, 123, 124, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Amor 27, 30, 32, 45, 55, 92, 111, 117, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Astronomia 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21

Ateliê Conatus 87

C

Comando 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119

Cotidianos 42, 47, 48, 51, 53, 57, 60, 97

Crianças 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 98

Currículos 42, 47, 48, 51, 53, 54, 57, 60

D

Descobrimento 22

Didática 20, 22, 56

Discurso De Ódio 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

E

Educação 13, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 56, 57, 60, 61, 62, 67, 70, 74, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 151, 153

Errância 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 53, 60

Escrileituras 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94

Esperança 14, 20, 40, 41, 43, 44, 57, 74, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108

Estado 12, 14, 21, 34, 36, 37, 40, 41, 44, 53, 54, 61, 78, 81, 87, 89, 97, 99, 100, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 126, 142, 150

Ética 21, 23, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 50, 51, 92, 94, 95, 96, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 125, 126, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Ético 30, 49, 109, 110, 115, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 131, 137, 138, 139, 140

Existência Humana 11, 13, 17, 18, 79, 123

Experiência 16, 24, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 68, 71, 72, 73, 74, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 89, 93, 98, 132, 133, 136, 139, 140, 147, 148, 149, 151

F

Favela 96, 98

Fenomenologia 83, 84, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Filosofia 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 74, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 102, 106, 109, 117, 119, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 150

Filosofia Com Crianças 34, 37, 39

I

Indústria Cultural 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152

Infância 34, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 53, 60, 80, 84

Infinito 32, 106, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 130, 135, 137, 138, 139, 140

Interdisciplinaridade 6, 11, 14, 17, 20

J

Justiça 81, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129

L

Lévinas 24, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 140

liberdade 18, 34, 40, 42, 44, 59, 68, 72, 92, 94, 101, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 150

Liberdade 44, 57, 108, 130

M

Medo 18, 24, 27, 28, 29, 31, 32, 56, 60, 65, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 146

N

Novas Mídias 142, 143, 149

O

ONG 7, 96, 98, 99, 100, 105, 106, 107, 108

P

Poesia 57, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

Política 13, 24, 28, 30, 98, 102, 114, 118, 142, 146, 150, 151

S

Subjetividade 25, 28, 29, 49, 61, 82, 83, 85, 96, 113, 114, 116, 117, 119, 121, 122,

123, 124, 125, 130

T

Transcendência 110, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 135, 140

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-683-6

